

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E A MEDIAÇÃO SISTÊMICA

PEROTTI, Juciane
415077
ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

RESUMO

A presente pesquisa busca entender a prática da mediação sistêmica, como ferramenta no processo de aprendizagem e as relações que podem interferir nesse processo. Entender a evolução do pensamento sistêmico a partir de propostas datadas do século XVIII, com a Teoria geral dos sistemas e seus desdobramentos à teorias da aprendizagem, olhando para os diversos fatores que contribuem para as dificuldades e as bases para fortalecer o que é considerado um sistema. Descrever práticas que possam ser aplicadas com o objetivo de olhar a criança com inserida um contexto e perceber ela em seu lugar, assim descrever técnicas que podem ser utilizadas no processo de aprendizagem. A pesquisa qualitativa, classificada como uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental. A utilização de técnicas dos movimentos sistêmicos no processo de intervenção psicopedagógica auxilia no entendimento dessas emoções e suas implicações no processo de aprendizagem, onde são trabalhadas com amorosidade permitindo entendimento de ser criança, e em ser apenas criança se colocando efetivamente nessa posição liberando por meio dos laços de amor um espaço antes ocupado por dor e angústia para novas possibilidades de conhecimento.

Palavras chaves: Mediação sistêmica. Intervenção psicopedagógica. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Muito se fala das crianças com dificuldades de aprendizagem, onde uma das colocações é onde e como está a relação e os conflitos dessa criança em sua convivência. Para além dessa colocação é necessário voltar o olhar para a criança sobre suas relações de modo que ela possa interpretar, ou seja, dar um significado sem culpa, pesos ou julgamentos sobre essas relações.

A presente pesquisa busca entender o pensamento sistêmico voltado a essas diversas relações que ocorrem com o indivíduo a partir das nossas emoções, e como interferem no processo de ensino e aprendizagem. Entender como o pensamento sistêmico chegou à prática pedagógica, como a mediação sistêmica pode ser aplicada a psicopedagogia e então descrever técnicas que podem ser utilizadas no processo de aprendizagem e o encontro com as teorias da aprendizagem que corroboram com a proposta da mediação sistêmica.

A pesquisa desenvolvida foi classificada como uma pesquisa bibliográfica e exploratória, por se tratar de um assunto ainda pouco evidenciado pela prática psicopedagógica, também pesquisa bibliográfica e documental foram utilizadas.

2. DO PENSAMENTO SISTÊMICO À MEDIAÇÃO SISTEMICA NA PRÁTICA PSICOPEDAGOGIA

Para compreender e conhecer a mediação sistêmica se faz necessário alicerçar esses conhecimentos por meio da fundamentação da origem do pensamento sistêmico às teorias da aprendizagem, abordando temas da pedagogia e psicopedagogia, chegando à mediação sistêmica.

O pensamento sistêmico tem suas raízes entre os séculos XVIII e século XIX que por meio da Teoria Geral dos Sistemas e da Cibernética, que contribuíram para a formação desse pensamento, abordado nessa pesquisa.

A partir do pensamento evolucionista (crescimento e desenvolvimento) de Ludwig von Bertalanffy que as expressões “sistema” e “pensamento sistêmico”, ganharam notoriedade, porém sua concepção se tratava de um sistema aberto Capra, (2006, p. 53), relata que: “foram as concepções de Bertalanffy de um sistema aberto e de uma teoria geral dos sistemas que estabeleceram o pensamento sistêmico como um movimento científico de primeira grandeza”.

Embora as expressões tenham surgido com Bertalanffy, foi com os autodenominados ciberneticistas que tomou a proporção de sistema que se fala hoje, que de acordo com Capra (2006, p. 56-57) quando relata no livro a Teia da Vida, “os ciberneticistas não eram nem biólogos, nem ecologista; eram matemáticos, neurocientista, cientistas sociais e engenheiros, que se concentraram em padrões de comunicação, especialmente em laços fechados e em redes, se voltaram para o lado mental. Sua intenção, desde o início, era criar uma ciência exata da mente”.

Dentre as várias contribuições da construção do que o sistêmico, Humberto Maturama, cientista influenciado pela cibernética, foi uma das primeiras pessoas a olhar para esses sistemas e observar nele a forma integrada do pensar humano, sendo assim o precursor dessa maneira de pensar, e que deu nome de Autopiese,

“Auto, naturalmente, significa “si mesmo” e se refere à autonomia dos sistemas auto organizadores, e poiese – que compartilha a mesma raiz grega com a palavra “poesia” - significa “criação”, “construção”. Portanto, autopiese significa “autocriação”. (grifos do autor) (CAPRA, 2006, p. 88)

Desse momento em diante os olhares deixam de estar voltados aos sistemas operacionalizados e passamos a experienciar as ligações e as redes nas pessoas.

O pensamento sistêmico passa a existir a partir do conjunto de três características que coexistem. “Um pensamento sistêmico precisa ter no seu contexto a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade”, de acordo com Lomando e Sigaram (2018, p. 19).

A complexidade traz a multipluralidade como temática para a elucidação desse conceito, visto que somos constituídos de uma série de elementos que se interligam e fazem nossa relação com o todo, que ainda citado por LOMANDO e SIGARAN, (2018, p. 20):

“buscar a parte essencial num relacionamento humano (simplicidade) é negar que existe diversos elementos que nos relacionam em rede, de forma direta ou indireta, com mais ou menos poder, em determinado contexto e inserido num sistema temporal”.

Atendendo esse requisito, cai-se inevitavelmente no paradigma da instabilidade, porque somos parte de um todo e não é possível olhar de forma isolada ou separadamente do contexto, e quando nos relacionamos estamos sujeitos aos desalinhos, pelas diferentes formas de interpretação, pois não é possível saber exatamente como a atitude de uma pessoa é percebida e/ou recebida pela outra, nesse mesmo contexto pode ser observado o conceito da intersubjetividade que implica na troca, onde se experiencia a relação com o outro, assim: “nas relações humanas inexiste uma relação na qual um ser observa e o outro é observado”, descreve Morin, (1996), citado em Lomando e Sigaran, (2018, p. 21), corroborado por Vieira, (2019, p. 27), onde diz que:

“o pensamento sistêmico não nega a racionalidade científica. Acredita que para o desenvolvimento humano acontecer na sua integralidade, é importante trabalhar em conjunto, considerando-se a subjetividade das diversas tradições e contextos e suas inter-relações. Ele pode ser visto como um componente do paradigma emergente. [...] Não se restringe a uma área específica do conhecimento, posto que, por definição, é interdisciplinar, como se apreende a sua própria nomenclatura.”

Da mesma forma que teorias foram formadas sobre os sistemas, diversas teorias da aprendizagem também foram elaboradas, desde Jean Piaget, que

considera que a aprendizagem é inata, construída a partir da genética. Sigmund Freud, com a construção do “eu” a partir das fases da sexualidade. Enrique Pichon-Rivière, onde o sujeito é o resultado de interações entre grupos, bem como David Paul Ausubel, com a aprendizagem significativa e Maria Montessori com seu olhar voltado ao respeito das necessidades das crianças. Porém para essa pesquisa a contextualização será abordada as teorias de Lev Semyonovich Vygotsky e Henri Paul Hyacinthe Wallon.

Trazer à luz algumas das teorias da aprendizagem, se faz importante pois essas teorias fazem alusão ao todo, ao integrado, assim como a formação do pensamento sistêmico, embora seja teorias advindas de linhas de pesquisa distintas.

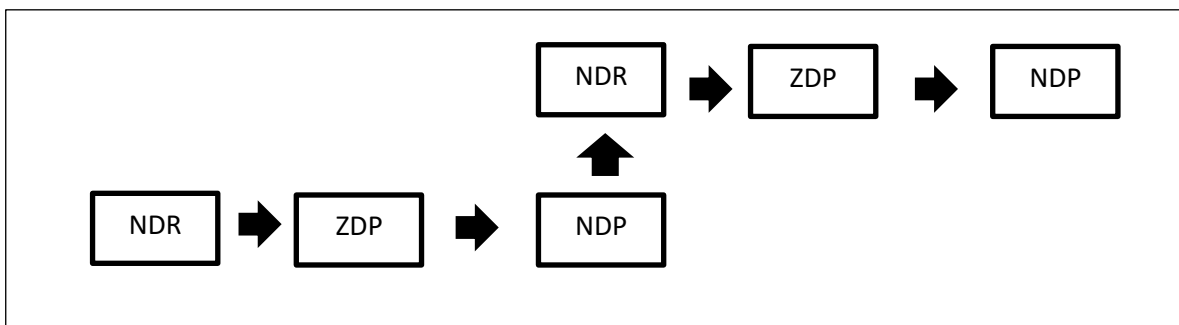
Assim Vygotsky, em sua teoria sócio-interacionista acredita que o indivíduo cresce e aprende a partir das interações com o meio que está inserido e com as trocas que experiencia onde, “O homem é um ser social, um sujeito dotado de história e cultura que, por meio da sua interação com o outro, apropria-se dos instrumentos culturais aos quais tem acesso que produz e reproduz a realidade social no qual está inserido.” (CLARO, 2018, p. 43).

Vygotsky fez uso da dialética entre pensamento e a linguagem (signos), onde não podem ser dissociados, que corroborado por Nogueira e Leal (2018, p. 154) cita o exemplo; “não podemos falar com o outro por transmissão de pensamento; por isso utilizamos um instrumento tipicamente psicológico, o signo”.

Assim também o faz em relação a sentido e significado, que não podem ser vistos isoladamente, e nas palavras de Nogueira e Leal (2018, p. 156) se confirmam quando descreve que:

“assim como o pensamento e a linguagem, o significado e o sentido não podem ser vistos separadamente: ambos devem se apresentar dentro de uma unidade contraditória do simbólico e do emocional, ou seja, cognição e emoção estão sempre juntas, pois, quando se realiza uma significação, a emoção está sempre presente.”

Para Vygotsky os adultos são portais para o conhecimento, onde ele (o adulto) é o mediador para esses conhecimentos e o sujeito acaba atuando de forma ativa na busca por eles. Abaixo um diagrama de fluxo contínuo, para ilustrar o pensamento de Vygotsky.



Fonte: Fonte: Nogueira e Leal, (2018, p. 160)

Onde: **NDR** = Nível de Desenvolvimento Real. A bagagem que o indivíduo já tem, o que ele já conhece.

NDP = Nível de Desenvolvimento Potencial. Conhecimento que ainda efetivar.

ZDP = Zona de Desenvolvimento Proximal. Funções que estão em processo de maturação do conhecimento.

A aprendizagem segue um fluxo contínuo na cadeia da busca de informação e aprendizagem.

Já para Wallon, que abraçou a teoria de Vygotski, no que tange o conhecimento por meio da interação social e conforme Nogueira e Leal (2018, p. 175) nos dizem que Wallon,

“certamente construiu sua teoria baseando-se em um enfoque interacionista, que abarca a concepção de que todos os aspectos do desenvolvimento surgem na interação de pré-disposições genéticas características das espécies com variedade de fatores ambientais”.

Wallon parte da premissa que a criança precisa ser vista e observada como um todo, compreendendo todos os seus aspectos que ele trata como a psicogênese da pessoa completa e que Kruz (2014, p. 33) descreve como Wallon,

“reconstruiu seu modelo de análise ao pensar no desenvolvimento humano, estudando-o a partir do desenvolvimento psíquico da criança, o estudo integrado do desenvolvimento, considera que não é possível selecionar um único aspecto do ser humano e vê o desenvolvimento nos vários campos funcionais dos quais se distribui a atividade infantil: afetivo, motor e cognitivo”.

Para corroborar com essa descrição, DENIS, (2021) diz que “para Wallon, o desenvolvimento não acontece simplesmente por adição de progressos que aconteceriam sempre no mesmo sentido”. Assim a psicogênese exerce alternância entre os estágios de desenvolvimento, conforme quadro abaixo:

Estágios de desenvolvimento: predominância e indicadores			
Estágios	Período	Predominância do conjunto funcional	Indicadores
Impulsivo emocional	Nascimento até 1 ano	Motor e afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - Construção do “eu” - Interação criança – meio - Impulsividade motora - Emocional
Sensório Motor e projetivo	Até os 3 anos	Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento da marcha e da linguagem - Independência - Ato mental projeta-se em atos motores - Função simbólica
Personalismo	Dos 3 aos 6 anos	Afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - Consciência corporal - Utilização dos pronomes - Oposição, sedução e imitação. - Diferenciação eu/outro, eu/mundo.
Categorial	Dos 6 aos 11 anos	Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha de papéis - Autodisciplina mental - Pensamento pré-categorial (sincretismo) - Pensamento categorial (formação de categorias)
Puberdade e adolescência	12 anos em diante	Afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - Fortalecimento do pensamento categorial - Ambivalência de sentimentos - Escolha de valores morais - Reorganização do esquema corporal - Atitude de dependência e oposição

Fonte: Nogueira e Leal, (2018, p. 193)

Compreender os estágios de desenvolvimento é de suma importância para entender os pilares da teoria walloniana, ou seja, os conjuntos ou campos de funcionamento, assim para Wallon o corpo, base da motricidade, tem grande impacto no processo de desenvolvimento, já que para exercer movimentos, muitas estruturas são movimentadas, instruídas pelo sistema nervoso central como citado por Ana Limongelli, descrito por Denis (2021) em que:

“o movimento envolve uma rede complexa e integrada de diferentes estruturas corporais (sistema nervoso somático, sistema nervoso visceral, neurônios sensitivos, neurônios motores, sensibilidade interoceptiva, sensibilidade proprioceptiva, sensibilidade exteroceptiva, músculos estriados com seus variados níveis de tônus muscular) que se relacionam

com as variadas fontes de informações, dando origem às diferentes funções (função tônica e função cinética) dos movimentos da pessoa”.

Para Wallon, não há desenvolvimento psíquico sem o desenvolvimento motor, ambos estão e assim precisam permanecer alinhados, ainda destaca que o movimento não é somente o ato motor; o ato da ação de movimento, mas também todas as expressões que esse movimento dispõe. Ao descrever sobre a obra de Wallon, de acordo com Dantas, citado por Denis (2021), “O desenvolvimento psíquico da criança liga-se diretamente ao desenvolvimento motor; não existe dualismo de funções; os aspectos motor e mental de um mesmo processo se imbricam numa reciprocidade de ações e reações”. Ainda indica a imitação como forma de desenvolvimento e crescimento, imitação de sons e gestos, onde os laços afetivos são a motivação para sua reprodução, que Denis (2021) corrobora dizendo:

“A criança só imita pessoas ou gestos que a atraem, que a cativam. Para Wallon, na gênese de sua imitação está o amor, admiração e não menos, rivalidade. Já que seu desejo inicial de participação transforma-se rapidamente em desejo de substituição: comumente observamos que ambos coexistem e inspiram-na, no que se refere a seu paradigma, um sentimento ambivalente que se faz submeter, mas também se rebelar, fidelizar-se, ou difamar.”

Outro nível de funcionamento é a afetividade, onde relata como primeira manifestação humana, o choro, e à medida que o indivíduo cresce, a afetividade proporciona a criança tomar consciência de si. É por meio da afetividade que descobre seus conflitos, e é o que também causa desequilíbrios, assim esses movimentos permitem novas expressões. As evoluções não acontecem de forma rápida, elas são processo que acompanham de forma não necessariamente igual a todas as crianças, porém provoca ao longo desse caminho sentimentos de ambivalência. Como a situação descrita por Denis, 2021, “a criança é passível de viver uma paixão intensa e profunda. Mas ela tem não só a potencialidade de camuflar a emoção, como a atualização de silenciar-la”, e como descrito por Dér, 2004, p. 72, citado por Nogueira e Leal 2018, p. 191, “esses sentimentos de ambivalência, segundo Wallon (1975a), traduzem a desequilíbrio interior (no caso) do adolescente e revelam preponderância da afetividade no desenvolvimento da pessoa”.

Nesse sentido o processo da inteligência se dá por meio da cognição, e caracteriza-se pelo início da fala e perdura durante toda a sucessão dos estágios de desenvolvimento é nele que “encontramos as funções responsáveis pela aquisição,

pela transformação e pela manutenção do conhecimento” (NOGUEIRA e LEAL, 2018, p. 191).

O processo cognitivo ocorre conforme os estágios de desenvolvimento, assim como a afetividade. A cognição e afetividade fazem um bailado ao longo desse período, ora o sujeito está voltado para o “eu”, ora para os “outros”, assim “Nesse sentido, em uma fase que a criança esta voltada para si, a parte cognitiva não para de se desenvolver. Pelo contrário, ela continua o seu desenvolvimento, ainda que o que esteja em maior evidência sejam as questões afetivas”. (MOGEIRA e LEAL, 2018, p. 193)

A pessoa para Wallon está sempre em desenvolvimento, o processo de aprendizagem não se limita. Desse modo a observação é ferramenta poderosa no processo de aprendizagem, ao observar a história do indivíduo, e por meio dessa observação é possível perceber também a demanda da criança.

Têm-se também as contribuições de Jacob Levy Moreno, médico, criador do psicodrama, no qual busca a verdade por meio de interpretação, como segundo ele mesmo diz: “o psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a “verdade” por métodos dramáticos” (MACHADO, 2020, p. 23).

Moreno chegou ao psicodrama por meio de jogos de improviso com crianças e posterior o teatro espontâneo que nas palavras de Machado (2020, p. 39), descreve que para Moreno, “existiam possibilidades ilimitadas para a investigação e treinamento da espontaneidade no campo experimental por meio do teatro”, Machado (2020, p. 41) ainda corrobora dizendo: “é no teatro que o autor via a possibilidade real de investigação, treinamento e experimentação da espontaneidade”.

Três anos após o teatro espontâneo, Moreno surge o teatro terapêutico, com o caso “Barbara”, dando início assim ao psicodrama. Influenciado pela Filosofia existencialista e por filósofos como Husserl e as teorias da fenomenologia, que Machado (2020, p. 44), explica que: “Para a fenomenologia, o ser humano é sempre inacabado em constante desenvolvimento e em permanente busca de transformação. Para o método fenomenológico, não importa o mundo tal qual ele existe, mas como se dá o conhecimento desse mundo individualmente, por pessoa”.

E assim também por meio da fenomenologia, Marianne Franke-Gricksch, precursora da prática pedagógica sistêmica. Em seu livro “Você é um de nós”, relata suas experiências como professora. A primeira delas na escola do seu pai, onde de

certa forma tinha autonomia para administrar suas aulas, após algum tempo começou a lecionar em outras escolas e por consequência outras maneiras e métodos de condução da aprendizagem. Foi então que começou um processo de reflexão sobre a sua maneira de ensinar e aprender.

Chegou assim ao pensamento e aos movimentos sistêmicos, sendo psicodrama o método utilizado para desenvolver seu trabalho de mediação sistêmica, o qual a tornaria conhecida por difundir esse modelo de conduta. Seu livro tem como base o amor, a ajuda e o servir. “Toda a diferença consiste em educar no amor, onde a firmeza e a sensibilidade permitem que haja ordem e, através dela, o amor pode fluir. O amor dos pais fluindo nos filhos é a força da educação”.(GUEDES, 2012, p. 22).

Esse amor não é só um amor que pensa e que só por ele os problemas se resolvem, mas sim um amor onde é não se pensa nas diferenças e vê sem julgamento de culpa, raiva, ódio e ou qualquer outro sentimento que não favoreça o entendimento, sentimentos esses que ocupam espaço do ser humano. Para Guedes (2012, p. 178), considera que “se levo para a escola toda a minha realidade, minha história, meu ser, preciso considerar que lá também o sofrimento precisa ser incluído, olhado e considerado: - *Eu vejo você e eu honro seus pais, sua família, seu destino!*”. (grifo do autor), E esse mesmo contexto se aplica a todos os grupos que a criança convive.

Todos nos fragilizamos ao ouvir alguma história triste ou com um desfecho diferente do que é considerado um bom final. Porém para oferecermos a ajuda dentro dos movimentos sistêmicos é importante interiorizar o amor a cima descrito para só então, a ajuda acontecer. No entendimento de Vieira (2019) quando descreve sobre a ajuda, nos diz que só podemos ajudar com o temos. Num segundo momento é preciso compreender a realidade das situações sem querer muda-la, mas sim respeitar a maneira que a situação aconteceu. Para finalizar ainda nas palavras de Vieira, é preciso lembrar que para ajudar é preciso ser adulto, isso significa que me coloco numa posição de profundo respeito com a realidade.

Assim, dessa forma servir é a proposta que Marianne Franke, que o educador precisa ter olhar atento, “a pedagogia sistêmica traz uma grande contribuição neste contexto, porque nos proporciona perceber para onde está direcionado o olhar do aluno – e do professor”. (VIEIRA, 2019, p. 72).

As crianças podem até apresentar uma inteligência considerável, porém quando um quadro de dificuldade de aprendizagem surge, a mediação sistêmica pode ser utilizada, embora uma ferramenta embora não consolidada pela psicopedagogia, o que cabe lembrar que nas palavras de Machado (2020, p. 32), “Sendo o processo de aprendizagem algo tão individualizado e diferenciado, todas as iniciativas que visem corroborar para a superação de dificuldades e apresentem alternativas metodológicas criativas e eficazes são bem vindas”.

Uma vez que a psicopedagogia busca auxiliar crianças com as mais diversas dificuldades de aprendizagem que possam ter, e sabendo que o objeto de estudo da psicopedagogia são as questões da aprendizagem e as influências do meio em todo o seu desenvolvimento, Claro (2018, p. 23) corrobora quando diz que “a psicopedagogia em como propósito compreender de que maneira o sujeito produz conhecimento. Tem, então, como objeto de estudo o ser cognoscente. Assim é preciso entendê-lo em todas as suas dimensões”, que ainda a autora reforça como sendo família, escola e sociedade. Nas palavras de Lemos, 2007, p. 73, citado por Claro, (2018, p. 18), diz que:

“a Psicopedagogia se ocupa do estudo do processo de aprendizagem, de forma preventiva e terapêutica. Entretanto, ainda que o enfoque da psicopedagogia seja os problemas de aprendizagem, é necessário que se ocupe do processo de aprendizagem como um todo, a fim de descobrir as barreiras que impedem ou atrapalham o aprendiz de se autorizar a saber.”

Assim, a mediação sistêmica vem ao encontro da psicopedagogia no que tange a evolução da criança/jovem ampliando sua capacidade de percepção do outro. Um olhar, não só voltado e focado no problema, mas um olhar mais humanizado para os diversos fatores que podem interferir no processo de aprendizagem. Que nas palavras de Vieira, (2019, p. 18), descreve como:

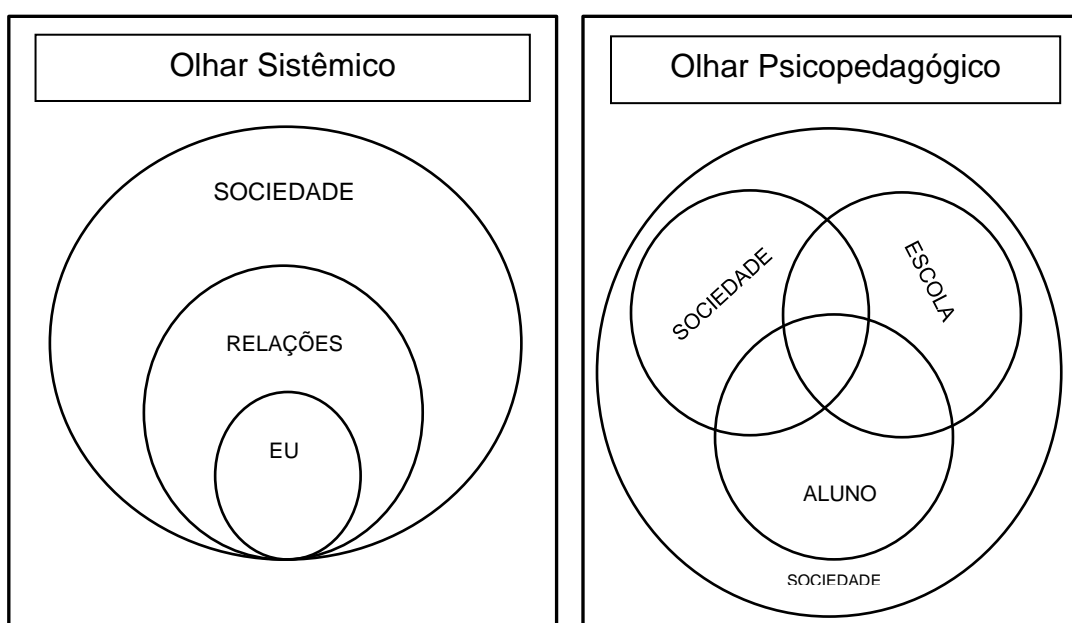
“Não se trata de resolver todos os problemas, mas perceber o que aparentemente não está visível. É tornar visível o invisível, tomar consciência do que está por trás de vários comportamentos ou disfunções como até então pensávamos. Quando tomamos consciência, geramos informação e então é possível dar novos passos.”

Já que toda a formação de uma criança advém de um grupo - o familiar, suas histórias e vínculos precisam ser respeitados. Assim na postura sistêmica não se trata de julgar, mas sim de acolher e reconhecer todas as condições que formam aquele indivíduo. Em Polity (2004, p. 92) citação de Groismann, Lobo e Cavour

(1996, p. 59) descreve que: “rastrear todo o relacionamento daquela família nuclear que vem com paciente referido, indo às origens onde estaria o nó do conflito”, é um importante passo para o uso de técnicas sistêmicas, buscando observar para onde está voltada a atenção dessa criança, que não naquilo que cabe a ela.

Ao observar os quadros é possível perceber o quanto o olhar sistêmico é semelhante ao olhar psicopedagógico, ambos olham para o sujeito inserido em contexto.

Quadro comparativo Olhar Sistêmico x Olhar Psicopedagógico



Fonte: Criação própria

Fonte: Weiss, 2016.

Os movimentos sistêmicos auxiliam no entendimento dessas emoções e suas implicações são trabalhadas com amorosidade para melhor entendimento dessa criança. A mediação sistêmica não é uma prática para “curar”, mas sim uma prática de olhar atento para criança como ela é. Para Vieira (2019, p. 18) “Não se trata de resolver todos os problemas, mas de perceber que o aparente não está visível”.

Buscar explicar como essas práticas que acontecem não somente na pedagogia, mas como na psicopedagogia pode se apropriar de alguns desses conhecimentos. Como já citado anteriormente a psicopedagogia remete a esse olhar, uma vez que durante o processo olhamos o indivíduo como um ser, ele inserido na família, ele inserido na sociedade, ou seja, olhamos como um sistema.

Quando não estamos no aqui e agora, sugere que a atenção está direcionada para outro lugar que não no que está sendo ensinado/dito. Sabe-se que nossas emoções interferem nesse processo de ensino-aprendizagem, foco e atenção. “Um processo cognitivo que requer alta demanda de atenção, como é a tomada de decisão, exige uma ligação entre esses mecanismos atencionais e decisórios e as emoções”. (MORAIS, 2020, p. 51), visto que para cada fase da vida as demandas são diferentes.

A prática de movimentos sistêmicos nada tem a ver com a prática de constelação familiar, já que para isso uma formação específica se faz necessário, visto que atualmente muito comentada e procurada, mas movimentos sistêmicos podem servir de apoio e então a psicopedagogia se apropria de alguns dessas técnicas conhecimentos.

A seguir, as práticas descritas já são trabalhadas dentro da psicopedagogia, porém o que necessita é aliar movimentos sistêmicos como a gratidão. Parece ser pouco, mas quando solicitamos à criança que se faça um agradecimento aos que pais, isso reforçar o laço de amor que une esse filho com os pais, que na posição sistêmica são os pais certos para ele.

As práticas aplicadas aqui descritas relacionadas à intervenção psicopedagógica, foram elaboradas e estruturadas por meio de participação em eventos como cursos e palestras frequentadas, tendo como base a família. Os objetivos dessas práticas buscam conhecer a família pelo olhar da criança e promover o entendimento da ordem familiar. Todas as atividades permitem a criatividade, pois ela tem participação ativa em cada processo, os materiais utilizados podem ser preparados pelo psicopedagogo, mas também pela própria criança.

ATIVIDADE 01

Nome	Minha família
Objetivos	Entender a organização do sistema familiar, Trabalhar coordenação motora, Integração sensorial
Materiais para	Papel, caneta, folha sulfite A4 e A3, caneta e lápis coloridos, tesoura, cola, massinha de modelar.

confeção	
Como fazer	É solicitado a criança que mostre ao mediador sua família. Descrevendo quem são (pai, mãe, irmãos,...). Na sequência o mediador auxilia a criança e organizar o sistema familiar de forma que ela possa compreender a ordem da chegada dos familiares. Sendo primeiro pai e mãe, as sequência os filhos também na ordem que chegaram. Quando o entendimento acontece, uma reverência de gratidão e amor é feita pela família que lhe deu a vida.

ATIVIDADE 02

Nome	Escrevendo Nomes
Objetivos	Trabalhar letras, grafema e fonemas a partir dos nomes dos membros da família.
Materiais para confeção	Papel, caneta, folha sulfite A4 e A3, caneta e lápis coloridos, tesoura, cola, massinha de modelar.
Como fazer	A partir do nome das pessoas da família e com os materiais a cima, confeccionar e produzir letras, integrando sentidos e sensações, (vê, fala, ouve e manuseia esse material), ao final da atividade uma reverência de gratidão e amor é feita pela família que lhe deu a vida.

ATIVIDADE 03

Nome	Minha árvore
Objetivos	Conhecer a estrutura familiar Estimular pesquisa Desenvolver a escrita Trabalhar temporalidade
Materiais para confeção	Papel, caneta, folha sulfite A4 e A3, caneta e lápis coloridos, tesoura, cola, massinha de modelar.
Como fazer	A partir de pesquisa confeccionar a árvore genealógica da criança,

	incluido os nomes das pessoas da família, a partir do compartilhamento das informações integrando sentidos e sensações, (vê, fala, ouve, e manuseia esse material), percepção de tempo e ao final da atividade uma reverência de gratidão e amor é feita pela família que lhe deu a vida.
--	---

ATIVIDADE 04

Nome	Do tempo da vovó
Objetivos	Conhecer cultura familiar Trabalhar vínculo afetivo com os avós Estimular pesquisa Desenvolver a escrita Trabalhar números, quantidade e medidas.
Materiais para confecção	Papel, caneta, folha sulfite A4 e A3, caneta e lápis coloridos, tesoura, cola, massinha de modelar.
Como fazer	A partir de pesquisa familiar, a partir da receita, trabalha-se de forma lúdica com massinhas de modelar e utensílios que favoreçam a criança a entender o que é aquela medida que está na receita, ainda sim trabalhando os laços familiares e ao final da atividade uma reverência de gratidão e amor é feita pela família que lhe deu a vida.

É importante ressaltar que movimentos proporcionados pela mediação sistêmica, não é constelação familiar, pois não estamos analisando posições ou atribuindo significados aos desenhos e criações das crianças, o propósito é o olhar amoroso, sem julgamentos ou culpa mostrando assim a origem e as ligações que acontecem por meio do amor e que temos a partir dela.

O trabalho com mediação sistêmica somente é empregado com o consentimento dos pais, haja vista que nem todos os pais se sentem a vontade com essa ferramenta, bem como a prática psicopedagógica é um trabalho sempre alinhado com família e escola integradas para o bem estar da criança.

2.1 METODOLOGIA

A metodologia aplicada à pesquisa é de ordem qualitativa, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...] O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 70). Também uma pesquisa exploratória, por se tratar de um assunto ainda pouco trabalhado pela psicopedagogia, e que GIL (2008, p. 46) contribui enfatizando que “é realizado especialmente, quando o tema é pouco explorado”.

A pesquisa bibliográfica se fez necessária e imprescindível para complementação e para proporcionar maior entendimento do tema. A pesquisa bibliográfica apoiada em livros de conteúdo aproximado e artigos científicos publicados, sempre prezando pela autenticidade da informação, onde fichas de leituras foram utilizadas para facilitar o processo na busca de informação. Conforme descrito por (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 54), quando se refere a pesquisa bibliográfica,

“Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, revista, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo o material já escrito sobre o assunto da pesquisa”.

Também utilizou-se, uma pesquisa documental que GIL (2008) define em linhas gerais que documentos de primeira mão, são documentos que não receberam nenhum tratamento analítico, mas que auxiliam no processo da busca de informação. Nesse caso foram utilizados cursos, palestras e workshops.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi pautada na busca de entendimento e ferramentas para uma intervenção psicopedagógica por intermédio do pensamento sistêmico e a mediação sistêmica propriamente dita, para o auxílio de crianças com dificuldades escolares, na busca não somente da aparente queixa, mas com um olhar além, o olhar sistêmico.

Por meio das pesquisas bibliográfica e exploratória, foi possível verificar os desafios para o desenvolvimento do trabalho, inúmeras pesquisas efetuadas dizem respeito à aprendizagem e seus processos, a pedagogia e a psicopedagogia, e por se tratar de um tema complexo, muitas pesquisas que são relacionadas ao

pensamento sistêmico estão direcionadas às áreas de constelação familiar e a prática do direito, porém em relação ao pensamento sistêmico voltado para o entendimento do humano e a mediação sistêmica propriamente dita ainda há muito que se buscar e compreender.

A psicopedagogia realiza um trabalho lindo no desenvolvimento dos jovens, amenizando e melhorando os quadros de dificuldades de aprendizagem, bem como melhorando a qualidade das relações com a família e a sociedade. A mediação sistêmica precisa ser mais e melhor estudada, para que os resultados ao longo do tempo permita uma sociedade mais humanizada.

REFERÊNCIAS

CAPRA, F. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 2006.

CLARO, R. G. **Fundamentos da psicopedagogia.** Curitiba: InterSaberes, 2018.

DENIS, L. **Henri Wallon: e a prática psicopedagógica.** São Paulo: FiloCzar, 2021. *E-book*.

FRANKE-GRICKSCH, M. **Você é um de nós – percepções e soluções sistêmicas para professores, alunos e pais.** Patos de Minas: Atman, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, O. **Pedagogia sistêmica: “o que traz quem levamos para a escola?”.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2012.

KRUZ, E. **A frase certa.** São Paulo: Clube dos Autores, 2014. *E-book*.

LOMANDO, E. SIGARAN, C. **Terapia dos movimentos.** Porto Alegre: Arte em Livros Editora, 2018.

MACHADO, S. M. **Psicodrama na cena psicopedagógica.** Curitiba: IntrSaberes, 2020.

MORAIS, E. A. de. **Neurociência das emoções.** Curitiba: InterSaberes, 2020.

NOGUEIRA, M. O. G.; LEAL, D. **Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico.** 3ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2018.

POLITY, E. (org). **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2004.

PRODANOV, E.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Rio Grande do Sul, 2013.

VIEIRA, J. L. T. **Pedagogia Sistêmica: Uma nova postura para pais e educadores**. 4ª ed. Campo Grande, MS: Life, 2019.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.